

SUNDJATA KEITA



SUNDJATA Keita, aquele que haveria de ser o fundador do império do Mali, era filho do rei de Mandem. Como houvesse nascido paralítico, não podia governar e, assim, entregou o reino ao seu escravo de confiança, Sumaôro Kanté, com a condição de ele o considerar sempre seu senhor e prover ao sustento da sua casa.

Mas Sumaôro bem depressa esqueceu os deveres que contraiu para com o amo.

A certa altura deixou mesmo de lhe enviar uma parte da carne do gado que diàriamente era abatido para sustento da corte.

No primeiro dia em que tal aconteceu, a mãe do paralítico, em vez de suprir a falta recorrendo ao curral familiar, substituiu a «vianda» por folhas de calabaccira, acompanhando com elas, sob a forma de esparregado, o prato de milho preto que apresentou a seu filho ¹.

Sundjata indignou-se perante tal comida, que disse ser própria de gente miserável em época de fome, e perguntou à mãe por que motivo não lhe dava carne.

A mãe, que dificilmente suportava a situação deprimente a que chegara a sua família por motivo da doença do filho, disse impacientemente:

— Tu não podes fazer valer os teus direitos, tolhido como estás. Por isso suponho que hás-de comer muitas folhas de calabaccira quando o nosso gado acabar.

E contou-lhe então a vilania de Sumaôro.

Sundjata, ao ouvir as palavras da mãe, foi tomado de uma cólera imensa e mandou chamar o seu «judeu» Abassé².

Quando este chegou, ordenou-lhe que fechasse as portas, tomasse uma faca afiada e disse-lhe:

— Corta-me os nervos que me tohem as pernas.

Assim fez o trovador e o sangue que correu das feridas era tanto que formou uma poça no chão.

Estancadas as feridas, Sundjata ordenou-lhe que dali por diante só lhe trouxesse, para comer, carne de touro e Abassé teria para isso à sua disposição o curral privativo do seu senhor.

Também o príncipe ordenou que ninguém, nem mesmo sua mãe, nem Fatumata, a irmã muito querida, poderia vê-lo e ter conhecimento da operação, pois tinha receio de uma inconfidência, mesmo involuntária, que poria de sobreaviso Sumaôro.

Tudo se cumpriu conforme as suas ordens e, ao fim de um ano, apesar de ter estado sempre imobilizado na cama, sentiu que já possuía uma força hercúlea e durante todo esse espaço de tempo verificou que, cada vez mais, as pernas, outrora inertes, lhe obedeciam agora.

Então ordenou a Abassé que procurasse um ferreiro e mandasse fazer uma barra de ferro com o peso de três barras vulgares.

Feita a barra, esta foi espetada no chão, junto da cama de Sundjata, o qual, agarrando-se a ela, soergueu-se, mas a força que empregou para se pôr de pé foi tanta que o ferro torceu³. Então, já erguido, flexionou as pernas e viu que estava bom.

Quando verificou o seu extraordinário vigor, saiu de casa, foi junto de uma calabaceira que havia no quintal da «morança» e deu-lhe um enorme empurrão que derrubou a árvore.

Então chamou a mãe, dizendo-lhe:

— Vem buscar as folhas da calabaceira que disseste seriam a minha comida até ao resto dos meus dias.

Em seguida disse ao «judeu» e à irmã que ia matar Sumaôro.

Fatumata aconselhou-o a esperar algum tempo, porque o seu inimigo possuía um segredo que lhe dava a invulnerabilidade e o tornava assim invencível. Seria preferível que ela fosse procurar a maneira de anular esse dom sobrenatural.

Arranjou a rapariga os mais belos trajes e pôs as mais ricas jóias, valorizando assim a extraordinária formosura que possuía, e foi visitar Sumaôro que nada sabia da cura e, ainda menos, dos propósitos de Sundjata.

O antigo escravo, sentindo-se lisonjeado pela visita da filha daqueles que haviam sido seus amos, e preso dos encantos da jovem, ficou imediatamente apaixonado por ela, que, por seu turno, se mostrou amável.

A mãe do usurpador, presentindo que na atitude de Fatumata se escondia um ardil, disse ao filho que não confiasse na rapariga, mas Sumaôro estava possuído de tal paixão, que chamou os criados e ordenou que afastassem a velha, gritando que a idade lhe tirava o juízo.

A irmã de Sundjata garantiu ao seu apaixonado que, apesar de ela ser filha de rei e ele um antigo escravo, não achava que isso fosse impedimento para casarem, visto que ele estava enobrecido pelos seus feitos, pois mostrara-se um guerreiro mais valoroso do que muitos reis autênticos que o antecederam.

Temia, porém, que o casamento de ambos destruísse a invencibilidade de Sumaôro, porque um adivinho lhe dissera que ela traria desgraça ao seu futuro marido, se este não fosse de sangue real. Sendo assim, preferia afastar-se para não causar a sua perda.

Então ele sossegou-a, dizendo que só poderia morrer às mãos de um homem que se banhasse na água que tivesse lavado os ossos de qualquer cão, visto que este animal tinha sobre si uma influência nefasta.

Foi o que a rapariga quis ouvir e, dando esperanças ao seu interlocutor, abreviou a visita, apressando-se a comunicar ao irmão o que acabava de saber.

Após se ter banhado na água milagrosa e certo agora do êxito, Sundjata mandou então tocar o grande tambor de guerra, a fim de reunir os fiéis amigos da sua família.

Quando o seu inimigo ouviu o som que significava o chamamento de homens para o combate, perguntou quem ousava assim desafiá-lo. Pouco depois vieram dizer-lhe que era o filho do seu antigo amo que se havia curado da paralisia e pretendia reaver o trono.

Sumaôro, surpreendido por uma cura que considerava impossível, e vendo nela um aviso do destino que lhe indicava assim o declínio da sua fortuna, informou os seus homens de que tencionava devolver o governo do país a quem lho entregara por estar inválido, pois não achava justo combater contra o rei legítimo.

Ouvindo isto, os seus «judeus» mostraram o maior descontentamento, dizendo-lhe que se soubessem que ele era tão fraco de ânimo não o haveriam servido e muito menos cantado as suas glórias.

Então Sumaôro deixou-se convencer e mandou um emissário a Sundjata prevenindo-o de que estava à sua espera para uma luta de morte.

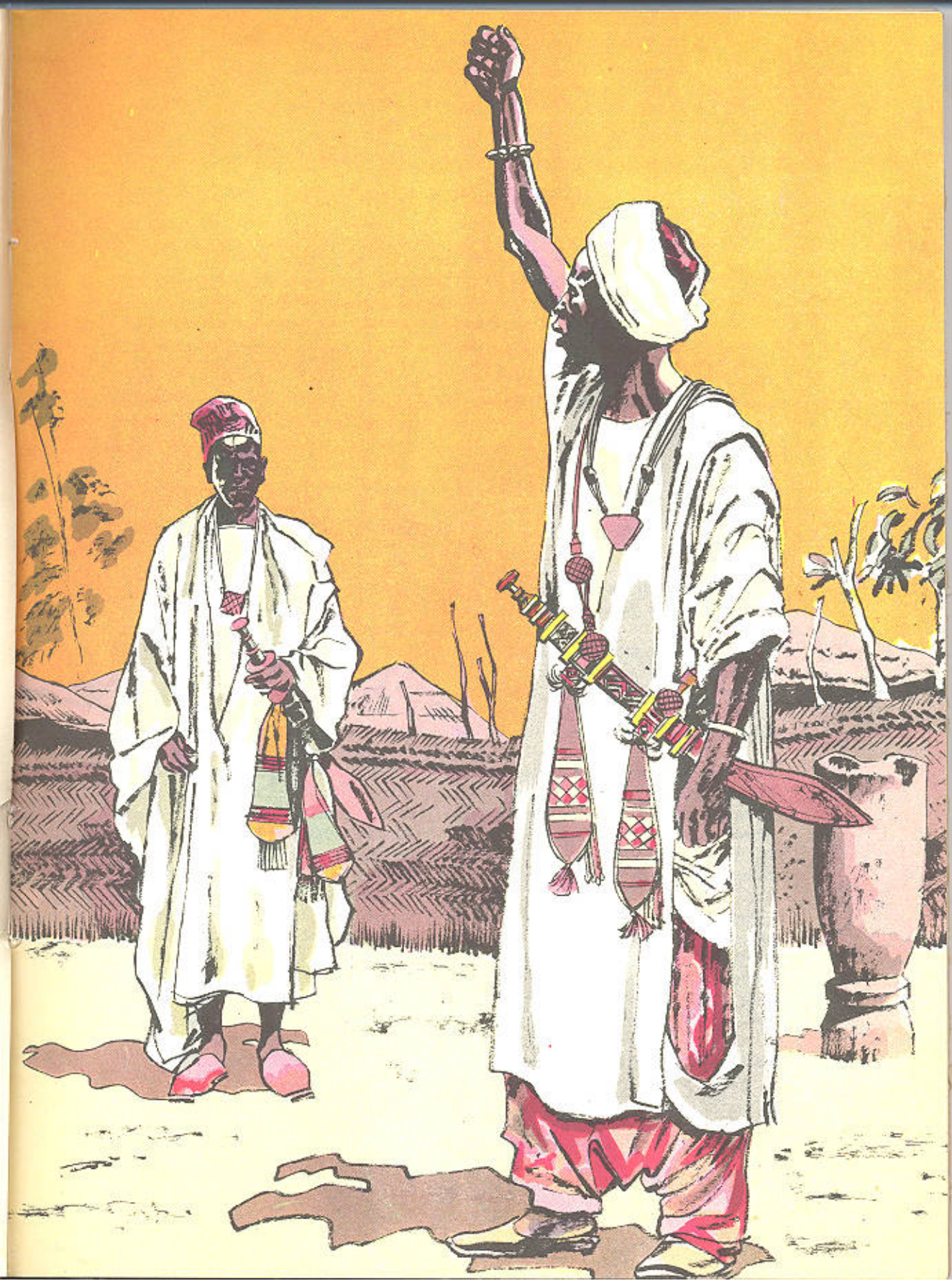
Quando os dois adversários se viram frente a frente, o usurpador, mostrando a confiança que tinha na sua invulnerabilidade, levantou o braço, mostrando a axila, e disse ao antagonista:

— Este é o ponto mais fraco de qualquer homem. Experimenta ferir e verás que o teu ferro não penetra e portanto não poderás nada contra mim.

Então Sundjata desferiu-lhe um golpe tremendo que o abriu de meio a meio.

Morto que foi o seu inimigo, o novo rei castigou todos aqueles que tinham instigado Sumaôro à infidelidade. Quanto aos trovadores, obrigou-os a dançar e cantar à torreira do sol durante dez dias seguidos.

Ao fim deste tempo e como os bardos se desculpassem, explicando que não se deve punir um cão porque é fiel a quem lhe dá



comida, Sundjata perdeu e tomou-os ao seu serviço para cantarem a sua glória inigualável, pois ele, cujo nome significava «o leão faminto», foi o maior de todos os mandingas³.

¹ A palavra «vianda», pouco usada no idioma português, é muito empregada no «creoulo» da Guiné, autêntica língua franca daquela nossa Província.

² O termo «judeu» introduzido pelos portugueses na Guiné, aplica-se aos trovadores e músicos, que viviam antigamente junto dos personagens importantes.

Antão Álvares de Almada, um dos mais argutos viajantes quinhentistas, descreve-os no seu notabilíssimo «Tratado Breve dos Rios de Guiné» pela forma seguinte: *Há em toda esta terra de Jalofos, Barbacins e Mandingas, uma nação de negros, tida e havida entre eles por judeus...* «*Servem de atambores para as guerras, cantando e animando os que pelejam, trazendo-lhes à memória os feitos dos seus antepassados; e com isto os fazem morrer ou vencer.*»

Almada, fonte preciosíssima pelo que respeita à etnologia dos povos da Guiné no século XVI, ainda actualizado em tantos assuntos, equivoca-se contudo quando diz que os cantores eram «tidos e havidos» pelos «demais grupos autóctones por judeus.

Se então, como hoje, alguns guineenses empregavam a palavra «jideu» ou «djideu» era tão-somente na presença de portugueses e para se fazerem entender facilmente, pois aquele termo apenas pretende reproduzir o nosso. A palavra mandinga equivalente, é *djalô*, pl. *djalolo*.

Os cantores tiveram uma importância extraordinária nas antigas sociedades mandingas e fulas, pois eram os depositários da história e das tradições do seu povo e na guerra animavam os combatentes lembrando-lhes as façanhas dos seus antepassados.

Acompanhavam as hostes do seu Senhor mas não usavam armas e não eram hostilizados pelo inimigo.

Para dar coragem aos indecisos, o *djalô* usava de uma liberdade de linguagem que não conhecia limites, sem que ninguém se ofendesse com os seus insultos ou pensasse em desforçar-se, pois, não conhecendo ele o manejo das armas nem sendo hábil nos exercícios físicos, seria tão reprovável para um guerreiro bater num cantor como numa mulher. Além disso era eficazmente protegido pelo seu amo a quem vinha, depois de terminada a luta, relatar o comportamento dos diversos combatentes.

Hoje, o cantor, já não vive exclusivamente à custa de um senhor, mas a sua importância continua imensa. Assim como foi um verdadeiro arquivo ambulante de história, é agora um autêntico jornal, espalhando as novidades de terra em terra, elogiando os bons sentimentos de uns e criticando os defeitos de outros. E isto sem temor de vinganças, porque a sua inviolabilidade física continua tão assegurada como no passado, pois a liberdade de expressão é-lhe garantida pelo costume.

³ Esta lenda tem uma variante em que se pretende que, como a barra não

suportasse o esforço feito por Sundjata para erguer-se, o príncipe pediu que lhe trouxessem o bastão que usara o rei seu pai e com grande espanto do «ju-deu» o bastão real resistiu à pressão que vergara a barra.

Tanto Sundjata como Abassé viram no facto o indício profético de que a reconquista do trono seria levada a efeito.

* Novamente, neste ponto, a lenda de Sundjata tem uma variante. Sumaôro teria dito que a maneira de lhe causarem a morte seria a de o alvejarem com uma flecha cuja ponta fosse o esporão de um galo branco.

° Sundjata Keita venceu o rei sôso Sumaôro ou Sumangoro Kanté na batalha de Kirina, travada em 1225, segundo o autor árabe Ibn Khaldum. A imaginação popular fez, nesta lenda, do rei sôso um antigo escravo da família de Sundjata.

O império de Mali fundado por Sundjata substituiu o fabuloso império de Ghana. Hoje, tanto os termos Mali como Ghana designam estados africanos independentes. Valha a verdade que o velho império de Mali nasceu na região de Bamako, que é a capital do novo estado cujo presidente é Modibo Keita, da família do herói mandinga, ao passo que o moderno Ghana pouca coisa de comum tem com o antigo estado saheliano.